

METADE CARA, METADE MÁSCARA

POTIGUARA, Eliane.

Global Editora, São Paulo: 2004, (138 p.)

Por Bianca Winograd¹

Eliane Potiguara, autora do livro “Metade Cara, Metade Máscara”, traz no rosto uma marca de nascença cor de jenipapo. Herança de sua ancestralidade que se transfigura em metade cara e metade máscara, Eliane é índia, mulher e, acima de tudo, brasileira. Eliane é um nome de muitos nomes, mas poderia ser uma estrela que brilha e ilumina a todos nós rumo ao respeito pelas diferenças. Eliane é nome de um grito de muitas índias que tiveram que se calar. De muitas meninas que se venderem por um prato de comida ou por uma falsa promessa de esperança.

Eliane Potiguara é escritora indígena, poeta, 54 anos, mãe e avó, professora formada em letras (Português – Literatura), licenciada em Educação, remanescente indígena Potiguara, autodidata em Direitos Indígena, fundadora da Associação Grumin, que recebeu, em 1996, o II Prêmio de Cidadania Internacional pela Fundação Iraquiana Bah’ai. Hoje o Grumim constitui-se na Rede de Comunicação Indígena. Eliane Potiguara foi considerada a Mulher do Ano de 1988 pelo Conselho de Mulheres do Brasil por seu trabalho em prol do desenvolvimento das mulheres indígenas no Brasil e indicada para o Prêmio 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005 por uma das organizações feministas mais importantes do Brasil, a Redeh (Rede de Desenvolvimento da Espécie Humana).

Participou das discussões para a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas, integrando o Grupo de Trabalho sobre Povos Indígenas nas Nações Unidas, em Genebra, bem como de centenas

¹ Bianca Winograd é mestranda do Serviço Social da PUC-RJ, na linha Gênero, Trabalho e Políticas Sociais. No ano de 2004 foi assistente do Curso de Extensão “Direitos e Cultura da Paz: Mulheres, Crianças e Adolescentes em Contexto de Pobreza” na PUC-Rio para mulheres, lideranças comunitárias.

de Fóruns Nacionais e Internacionais pelos direitos indígenas. É autora de *A Terra é a Mãe do Índio* (1989), livro premiado pelo Pen Club da Inglaterra. Esse texto foi traduzido para o inglês e foi tese de dois mestrados (Índia e Eua), no tema ecofeminismo; escreveu também *Akajutibirô, Terra do Índio Potiguara* (1994), cartilha de apoio à alfabetização para adultos e crianças indígenas, financiada pela Unesco, e edita o *Jornal Grumin* (versão nacional e internacional).

Ao longo de 30 anos de militância a autora publicou artigos e entrevistas em centenas de coletâneas, livros, jornais sobre a temática dos povos indígenas e seus direitos. Atualmente, ela defende a Rede Grumin, a primeira Associação de Mulheres Indígenas no Brasil, fundada por ela e voltada para a educação, gênero e direitos humanos. O Grumim (Grupo Mulher – Educação – Indígena), hoje Grumim/Rede de Comunicação Indígena, foi criado juridicamente em 1987, mas concebido moralmente em 1978. O Grumim recebeu o II Prêmio Cidadania Internacional, em 1996, da Comunidade Bah'ai, por ter desenvolvido dezenas de projetos comunitários e ter promovido a formação de opiniões. Atualmente, ela defende a Rede Grumin, a primeira Associação de Mulheres Indígenas no Brasil, fundada por ela e voltada para a educação, gênero e direitos humanos. O Grumim (Grupo Mulher – Educação – Indígena), hoje Grumim/Rede de Comunicação Indígena, foi criado juridicamente em 1987, mas concebido moralmente em 1978. O Grumim recebeu o II Prêmio Cidadania Internacional, em 1996, da Comunidade Bah'ai, por ter desenvolvido dezenas de projetos comunitários e ter promovido a formação de opiniões. A violação aos Direitos Humanos causados pelo racismo continua causando a fuga de famílias indígenas ou a atual escravidão moderna. São milhares de famílias desaldeadas, o que acarreta a desintegração cultural e espiritual deste povo. A realidade histórica de exploração e extirpação de direitos fundamentais dos povos indígenas, em pleno século vinte, com a neocolonização algodoeira, levou muitas famílias indígenas ao suicídio coletivo, ao desaparecimento e às migrações compulsórias. Como foi o caso do bisavô de Eliane, que desapareceu na Paraíba no início do século vinte e de sua avó, que não teve outra alternativa se não se mudar para o Rio de Janeiro.

Os instrumentos jurídicos internacionais resultantes das Cumbres, das Conferências Internacionais organizadas pelas Nações Unidas, estão aí para serem aplicados pelos governos, mas é preciso que ponham em prática o que já está no papel.

O sistema político brasileiro, e está explícito na Constituição Federal de 1988, deveria garantir o direito territorial dos índios. Mas pouco faz, e as terras indígenas são apropriadas por interesses econômicos nacionais e internacionais.

Eliane retrata em seu novo livro *Metade Máscara, Metade Cara* a trajetória de sua família e de tantas outras famílias indígenas através do processo de colonização e neocolonização que vivem tantos índios brasileiros. Muitos índios que conseguiram sobreviver eram e são descaracterizados pelo convívio com o homem branco. Com isso muitos índios foram perdendo sua identidade cultural e substituindo suas crenças e costumes pelos valores dos colonizadores. O Brasil a terra habitada por diversos grupos indígenas foi brutalmente extirpada pelos homens brancos...

O processo de colonização levou à extinção de muitas sociedades indígenas que viviam no território dominado, seja pela ação das armas seja pelo contágio de doenças trazidas dos países europeus para as quais os índios não tinham anticorpos ou ainda, pela aplicação de políticas visando a "assimilação" dos índios à nova sociedade implantada, com forte influência européia. Suas terras foram sendo tomadas e os que não se submeteram ao colonizador e não conseguiram fugir Brasil adentro, morreram após lutar corajosamente pela sua terra e pela liberdade ou então através do suicídio em massa.

Segundo a autora, cosmo visão indígena, a espiritualidade está ligada a terra, ela é mãe, e é dela que recebemos a vida e a capacidade de viver. Em algumas sociedades africanas, a máscara tem a função de expulsar as doenças das aldeias, como instrumentos de luta e os utiliza para se fazer compreender diante da brutalidade dos conflitos de poder locais e internacionais, tanto os de raça e etnia quanto os religiosos, que violentam a ancestralidade cultural, econômica e social das nações indígenas. Assim como a língua, também os costumes, as crenças, as formas de organização familiar e social, as técnicas artesanais.

Há cinco séculos, os portugueses chegaram ao litoral brasileiro, e o cotidiano pode ser vislumbrado a partir de relatos de viajantes que ressaltavam a cultura indígena no Brasil colonial e adotavam uma perspectiva típica da tradição cristã; dando início ao processo de migração que se estenderia até o início do século XX, e foram estabelecendo-se nas terras que eram ocupadas pelos povos indígenas. Para além mar os

costumes dos índios eram vistos como indícios de barbarismo e da presença do Diabo.

Eliane relembra um passado, em que as relações de gênero eram justas: “As mulheres Guaranis, diz ela, eram ouvidas nas Assembléias Indígenas. Com a colonização e o neocolonialismo tudo mudou, as mulheres eram e são forçadas a uma retaguarda cultural para sobreviver aos tempos de horror e brutalidade por parte dos colonizadores, não somente pelos massacres culturais, mas também pelos massacres religiosos e políticos”.

O descobrimento do Brasil se refere ao fato de os portugueses terem descoberto uma terra que era até então ignorada dos europeus. Apesar da definição de posse e propriedade dos índios serem diferente dos homens brancos; O Brasil era ocupado por nações e tribos, havia limites mais ou menos estabelecidos, mas não determinados. As tribos mudavam de lugar de acordo com sua necessidade de subsistência. A presença portuguesa foi então uma ocupação imposta sem acordos, sem negociações, pois os portugueses avaliavam os índios com um povo não civilizado, como carentes dos direitos que eles europeus tinham. Os europeus se achavam os donos da civilização e das leis, todos os outros povos deveriam obedecer às normas e leis vigentes na Europa. A cultura indígena foi descrita a partir do paradigma teológico e do princípio que os homens brancos eram eleitos de Deus, e por isso superiores aos povos do novo continente.

O processo do colonizador do qual os índios brasileiros foram vítimas ocorreu assim: primeiro foram cativados para o trabalho de exploração do Pau Brasil em troca de objetos que exerciam fascínio sobre eles; depois veio a escravização e a tentativa de fazê-los trabalhar na lavoura da cana de açúcar; Embora não se saiba exatamente quantas sociedades indígenas existissem no Brasil à época da chegada dos europeus, há estimativas sobre o número de habitantes nativos naquele tempo que variam de 1 a 10 milhões de indivíduos. Estes números nos dão um juízo da quantidade de pessoas e sociedades indígenas inteiras exterminadas ao longo destes mais de 500 anos. Muitas mulheres indígenas são sacrificadas e exploradas pelos colonos brancos e, por falta de alternativas, vão trabalhar em plantações ou ser domésticas na situação de mão-de-obra escrava. Ou então, vão para prostíbulos, onde vendem o corpo por migalhas, potencializando o tráfico de mulheres e contraindo diversos tipos de doenças sexuais, às quais sabidamente

tem pouca resistência orgânica. Tornam-se objetos sexuais, submetidas a agressões físicas e parindo muitos filhos na Amazônia, dentro e fora do Brasil.

Desta forma, a temática do livro gira em torno de uma representação dramática do universo indígena e de seus arranjos frente às circunstâncias adversas em que vivem os índios durante os 500 anos de colonização. A autora busca um reencontro simbólico com sua civilização através das representações sociais da cultura indígena. Sua identidade é atravessada por um intenso sentimento de pertencimento remetido a uma lógica sobre a consciência da sua ancestralidade que se cumpre no ritual coletivo.

O arranjo social do índio se baseia nas tarefas relacionadas ao trabalho, divididas por idade e sexo na aldeia, é onde se reúnem, falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e estão unidos uns aos outros por um intenso sentimento de pertencimento recíproco. As mulheres cuidam da casa, das crianças, da roça, fabricação de farinha, a fiação de tecelagens. Os homens jovens eram responsáveis pela defesa da tribo e expedições guerreiras e pela coleta dos alimentos na caça e pesca, pela derrubada da mata e preparação da terra para o plantio, construção de canoas e armas, construção das casas enquanto que os idosos, tanto os homens quanto às mulheres, ficavam sentados dando conselhos e passando aos mais jovens a sabedoria das tradições da tribo ainda muito.